

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

155

INSCRIÇÕES 617-619



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



ARA ROMANA REAPROVEITADA  
NA CAPELA DE S. JOÃO, LOBÃO DA BEIRA, TONDELA  
(*Conventus Scallabitanus*)

Durante as obras de restauro da estrutura do altar-mor da capela de S. João, em Lobão da Beira, freguesia do concelho de Tondela (distrito de Viseu), realizadas neste ano de 2017, entre Julho e Setembro, foi encontrada uma ara romana (FIG. 1), de granito branco-cinza, de grão fino, que não ostentava nenhuma inscrição primitiva, mas, em contrapartida, um letreiro (FIG. 2) datado do século XVII<sup>1</sup>.

A actual forma do capitel resulta da intenção «artística» de quem manipulou o monumento no século XVII, uma vez que as molduras não correspondem à primitiva molduração romana, tendo havido mesmo o desbaste de uma delas. O que resta dá a entender que teria havido eventualmente fôculo e, até, toros lateralmente a ele, de que parecem ser indício as três saliências dianteiras. Entre a moldura que foi picada e o filete directo mediante o qual a molduração se une ao fuste, terá havido, possivelmente, moldura em bocel directo que foi danificada.

A base é também moldurada bem à maneira clássica romana: filete reverso seguido de bocel directo e bocel reverso separados por ranhura, assentes no soco.

O monumento (FIG. 3) tem molduras nas quatro faces, como é comum nas aras romanas.

Dimensões: 73 x 42/31/47 x 38/31/43. O capitel tem 20 cm de altura e a base 21.

---

<sup>1</sup> Agradecemos vivamente ao Sr. Padre João Pedro F. Cardoso e à Doutora Maria de Fátima P. Eusébio as informações que tiveram a gentileza de nos prestar acerca da descoberta do monumento e as facilidades concedidas para o seu estudo.

Campo epigráfico: 32 x 31.

S / IOM / 1604 (ou 1609)

Altura das letras: S = 8; l. 2: 8/10; l. 3: 2/9. Espaços: 1 e 2: 0,5; 3 e 4: 3.

No fuste, bem alisado, está a inscrição que indicámos. É claramente apócrifa. Não houve, de resto, qualquer intenção, de o esconder, por ter sido gravada desajeitadamente, no final, uma data: 1609 ou 1604. O 1 é um longo I, à romana; o 6 cursivo e em módulo mais pequeno toca, no seu termo, no 0, de módulo ainda menor. O último algarismo acabou por ser ‘ornamentado’ (Fig. 4) certamente para gerar alguma confusão ao leitor ou para mostrar algum secretismo, na medida em que até parece estar estilizadamente representada a perna e o pé de um ser humano.

Afigura-se-nos evidente que quem fez a gravação, aproveitando um monumento romano, tinha algumas luzes do tipo de inscrições habituais. Assim, o S inicial (muito inclinado para a frente e com serifas deveras acentuadas) poderá querer significar o comum S(*acrum*), palavra corrente nas inscrições romanas votivas. Houve, por outro lado, a intenção de dar a entender que se tratava de uma dedicatória a *Júpiter Óptimo Máximo*, de facto uma das divindades mais veneradas neste ambiente lusitano.

Não lográmos descortinar qualquer vestígio de que tivesse havido inscrição anterior, a não ser que houvesse sido pintada.

Partindo do princípio de que estamos perante a reutilização de um monumento autêntico, afigurou-se-nos interesse dar a conhecê-lo, por ser mais um testemunho da estada dos Romanos nesta área. Aliás, poder-se-á também pensar que documenta a existência de uma oficina de lapicida nas proximidades, onde se conhecia bem a tipologia dos altares romanos, sendo esta característica do século I da nossa era. Por outro lado, não é somenos importante, do ponto de vista cultural, verificar esta ‘reutilização’ nos primórdios do século XVII – ainda que desajeitada – com a intenção, que nos parece evidente, de querer mostrar alguma erudição.

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO  
JORGE ADOLFO M. MARQUES



1



2



3



4